

20 anos

História de lutas pelos direitos dos trabalhadores para mudar o Brasil



Motta, Baez, Calixto, Marinho, Kassab, Paulinho, Alckmin, Araújo, Aécio, Miguel, Medeiros e Eunice
Nas comemorações dos 20 anos de fundação da Força Sindical, trabalhadores, sindicalistas, militantes e políticos destacaram que a Central tem pautado suas atividades na pluralidade de idéias, independência e disposição de lutar por um país democrático e justo, com desenvolvimento econômico, distribuição de renda e justiça social

PÁG. 3

As centrais sindicais pretendem debater a pauta unitária do movimento sindical nas comemorações do 1º DE MAIO

PÁG. 4



Acordo fechado entre governo, trabalhadores e empreiteiras estabelece que o SINE vai contratar os funcionários para as obras do PAC

PÁG. 10



FUNDADOR
Luiz Antonio de Medeiros

PRESIDENTE
Paulo Pereira da Silva (Paulinho)

SECRETÁRIO-GERAL
João Carlos Gonçalves (Juruna)

TESOUREIRO
Luiz Carlos Motta

DIRETORIA EXECUTIVA

Melquíades Araújo • Miguel Eduardo Torres
Antonio de Sousa Ramalho • Eunice Cabral*

Almir Munhóz • João B. Inocentini
Paulo Ferrari • Levi Fernandes Pinto

Luiz Carlos Pedreira • Abraão Lincoln*

Wilmar Gomes Santos • Terezinho Martins

Márcio Vasconcelos • Ivandro Moreira

Maria Augusta Santos Marques • Sérgio Luis Leite

Valclécia Trindade • Edson Geraldo Garcia

Francisco Sales • Miguel Padilha

Minervino Ferreira • Nilton Souza Silva (Neco)

Herbert Passos • Antonio Vitor

Mônica O. Lourenço Veloso • Geraldino Santos Silva

Oscar Gonçalves • Carlos R. Malaquias

Luciano M. Lourenço • Nelson Silva de Souza

Antonio Farias • Cícero Firmino (Martinha)

José Pereira* • Ari Alano

João Peres Fuentes • Arnaldo Gonçalves

Cídia Fabiane C. Santos • Elvira Bervian Graebin

Paulo Zanetti • Cláudio Magrão

Maria Auxiliadora • Maria Susicléia

Jeferson Tiego • Francisca Lea

Gleides Sodrê Almazan • Vilma Pardinho

Adalberto Galvão • Maria Rosângela Lopes

Ruth Coelho • Raimundo Nonato

Severino Augusto da Silva • Lourival F. Melo

José Lião • Mara Valéria Giangiulio

Evandro Vargas dos Santos • Neusa Barbosa

Reinaldo Rosa • Defendente F. Thomazoni

Antonio Silvan • Valdir Lucas Pereira

Antonio Johann • Carlos Lacerda

Ezequiel Nascimento • Leodegário da Cruz Filho

Elmo Silvério Lescio • Braz A. Albertini

Daniel Vicente • Walzenir Oliveira Falcão

Manoel Xavier • Valdir Pereira

Mauro Cava • Milton Batista (Cavalo)

Núncio Mannala • Luis Carlos Silva Barbosa

Moacyr Firmino dos Santos •

CONSULTORIA

Luiz Fernando Emediato

ASSESSORIA POLÍTICA

Antonio Rogério Magri • Hugo Perez

João Guilherme Vargas • Marcos Períoto



DIRETOR RESPONSÁVEL:

João Carlos Gonçalves (Juruna)

JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Antônio Diniz (MTb: 12967/SP)

REDAÇÃO:

Dalva Ueharo • Fábio Casseb

Val Gomes (colaborador)

ASSISTENTE DE MARKETING:

Rodrigo Telmo Lico

EDITOR DE ARTE:

Jonas de Lima

FORÇA MAIL:

Antônio Diniz

O **JORNAL DA FORÇA SINDICAL** é uma publicação mensal da central de trabalhadores FORÇA SINDICAL. Rua Rocha Pombo, 94 - Liberdade - CEP 01525-010. Telefone: (11) 3348-9000 - São Paulo - SP - Brasil. www.fsindical.org.br • www.twitter.com/centralsindical

ESCRITÓRIO NACIONAL DA FORÇA SINDICAL EM BRASÍLIA:
SCS (Setor Comercial Sul) - Quadra 02 - Ed. Jamel Cecílio
3º and. - Sala 303 - ASA Sul - 70302-905
Fax: (61) 3037-4349 - Telefone: (61) 3202-0074

Fotos da Capa: FOLHA PRESS / ARQUIVO FORÇA SINDICAL



Paulo Pereira da Silva (Paulinho)
presidente da Força Sindical

Duas décadas de conquistas trabalhistas e sociais

marcados, na época, pelo des-
censo do movimento operário,
pelo fim do socialismo e pelo de-
semprego em massa.

Assim, buscamos o nosso
espaço no movimento demo-
crático e popular, por meio da
exposição dos ideais de uma
entidade pluralista, independen-
te, apartidária e democrática.

Junto a isso apresentamos
um elenco de reivindicações,
com destaque para a melho-
ria das condições de vida dos
trabalhadores brasileiros e a
necessidade de aprofundar o
processo democrático, com
respeito aos direitos sindicais e
dos trabalhadores.

Como a diretoria da Força Sin-
dical é partidária da tese segun-
do a qual o movimento sindical
tem de atuar fora dos limites
estreitos do corporativismo, nos
engajamos na elaboração de po-
líticas públicas, entre as quais a
execução de cursos de qualifica-
ção profissional, de 1997 a 2002,
e a intermediação de mão de
obra, com recursos do Fundo de
Amparo do Trabalhador (FAT).

Nos últimos anos, junto com
as demais centrais, a Força fez
história ao colaborar decisiva-
mente na luta para a aprovação
a lei que instituiu a política de
recuperação do poder de com-
pra do salário mínimo.

ARTIGO

A REVOLTA NOS CANTEIROS DE OBRA

Trabalho Decente é um tra-
balho produtivo e adequa-
damente remunerado, exerci-
do em condições de liberdade,
equidade e segurança, sem
discriminação, e capaz de ga-
rantir uma vida digna a todas
as pessoas.

Situação contrária a tudo
isso levou à revolta nos can-
teiros de obras do PAC, onde
trabalhadores são submetidos
a péssimas condições de trabalho, maus tra-
tos, pagamento irregular dos salários, falta de
segurança, transporte etc.

As greves expuseram a forma vergonhosa
como são tratados os trabalhadores arregimen-
tados por 'gatos' para trabalhar em locais distan-



MIGUEL TORRES, presidente do Sindicato
dos Metalúrgicos de São Paulo e Mogi das
Cruzes e vice-presidente da Força Sindical

tes, longe dos olhos da socieda-
de, revelando um lado sombrio
de mentes que buscam realizar
seus projetos a qualquer custo.

A Força Sindical enviou di-
rigentes para apoiar os traba-
lhadores da Refinaria Abreu e
Lima e da Petroquímica Suape
(PE), da Hidrelétrica de São Do-
mingos, em Água Clara (MS),
onde trabalhadores foram pre-
sos e agredidos pela polícia.

A rápida intervenção do movimento sindical
levou o governo a convocar as construtoras e
negociar uma solução para os problemas. A si-
tuação está voltando à normalidade, mas preci-
samos ficar atentos para que os trabalhadores
não voltem a sofrer tamanha violência.

PRESIDENTES DA FORÇA SINDICAL NOS ESTADOS

ACRE
Luiz Anute dos Santos

ALAGOAS
Albegemar Casimiro Costa

AMAPÁ
Maria de Fátima Coelho

AMAZONAS
Vicente de Lima Fillizola

BAHIA
Nair Goulart

CEARÁ
Raimundo Nonato Gomes

DISTRITO FEDERAL
Epaminondas Lino de Jesus

ESPÍRITO SANTO
Alexandro Martins Costa

GOIÁS
Rodrigo Alves Carvelo

MARANHÃO
Márfio Lima da Silva

MATO GROSSO
Manoel de Souza

MATO GROSSO DO SUL
Idelmar da Mota Lima

MINAS GERAIS
Rogério Fernandes

PARÁ
Ivo Borges de Freitas

PARAÍBA
José Porcino Sobrinho

PARANÁ
Sérgio Butka

PERNAMBUCO
Marcos Sérgio da Silva

PIAUI
Fabrício Dourado Gonsalles

RIO DE JANEIRO
Francisco Dal Prá

RIO GRANDE DO NORTE
Francisco de Assis Torres

RIO GRANDE DO SUL
Cláudio R. Guimarães Silva

RONDÔNIA
Antonio do Amaral

RORAIMA
Manoel Antonio dos S. Santana

SANTA CATARINA
Osvaldo Olavo Mafra

SÃO PAULO
Danilo Pereira da Silva

SERGIPE
William Roberto Cardoso

TOCANTINS
Luso Albateno A. Guimarães

Projeto para mudar o Brasil tem amplo apoio dos trabalhadores

No dia 24 de março, a Força Sindical deu início às comemorações de seu 20º aniversário numa festa realizada no Espaço Hakka, no tradicional bairro da Liberdade, na capital paulista, com a certeza de ter atingido às expectativas da sociedade brasileira porque seu projeto de apostar na democracia para mudar o Brasil tornou-se amplamente vitorioso. Hoje, a Central tem 2600 entidades filiadas que representam cerca de 10 milhões de trabalhadores.

Entre os convidados que receberam a medalha comemorativa dos 20 anos, o governador de São Paulo Geraldo Alckmin; o prefeito da capital Gilberto Kassab; o senador Aécio Neves; o ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência da República, Gilberto Carvalho; o presidente da Câmara dos Deputados, Marco Maia; o prefeito de São Bernardo do Campo, Luiz Marinho; e Víctor Báez Mosqueira, secretário-geral da Confederação Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras das Américas (CSA).

Os líderes políticos e sindicais parabenizaram a Força Sindical e enaltecem a plu-



Paulinho: "Superar as divergências (as centrais) para alcançarmos a valorização do trabalho e o crescimento do país"

ralidade, a independência e a disposição da central de lutar por um país democrático e justo, com desenvolvimento econômico, distribuição de renda, emprego, cidadania e justiça social. Para o presidente da Central e deputado federal Paulo Pereira da Silva, o Paulinho, o crescimento vertiginoso da Força Sindical mostra que a sociedade brasileira e as entidades filiadas identificaram-se com a proposta política e sindical da entidade.

O líder destacou ainda que na comemoração unitária do Dia do Trabalho, em 1º de maio,

as centrais sindicais vão reafirmar as bandeiras de lutas do movimento sindical aprovadas na Conferência Nacional da Classe Trabalhadora, realizada no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, em 2010. "É preciso superar as divergências para alcançarmos a valorização do trabalho e o desenvolvimento do Brasil", ressaltou Paulinho.

Líderes sindicais – Também receberam a medalha, Neusa Barbosa, diretora da Fetiasp; Elza Costa Pereira, diretora de finanças do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e

Mogi das Cruzes; Luiz Antonio de Medeiros, fundador e ex-presidente da Força Sindical; e Melquíades de Araújo, vice-presidente da Central.

Compareceram ao evento José Calixto Ramos, presidente da Nova Central; Wagner Gomes, presidente da CTB; Canindé Pegado, secretário-geral da UGT; Amanda Villatoro, secretária de Educação da Confederação Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras das Américas (CSA); Rafael Freire, secretário de Política Econômica e Integração da CSA; e Laerte Teixeira, secretário de Direitos Humanos.

Da União Italiana do Trabalho (UIL) estiveram presentes o secretário-geral, Luigi Angeletti; Casimiro Faidiga (UIL Puglia); Vittorio Trusolo (Transporte Nacional); e Guido Moreti, coordenador geral da UIL Brasil; além de Nilton Souza da Silva, o Neco, secretário de Relações Internacionais da Força Sindical.



Cerca de 800 convidados, entre dirigentes sindicais, militantes, funcionários e políticos compareceram ao evento



O governador Alckmin e Paulinho visitam a exposição fotográfica da Força Sindical

Intensificar o debate sobre

Nas comemorações do Dia Internacional do Trabalho, no dia 1º de maio, as centrais sindicais (Força Sindical, UGT, CTB, Nova Central e CGTB) vão apresentar aos trabalhadores as propostas que constam da “Agenda da classe trabalhadora”, documento aprovado pela assembleia da Conferência Nacional da Classe Trabalhadora, realizada em 2010, no Estádio do Pacaembu, em São Paulo. A agenda que tem como tema central o desenvolvimento do Brasil com valorização do trabalho.

Entre outros itens que fazem parte da agenda, destacam-se a redução da jornada de trabalho, sem o corte nos salários, valorização do salário mínimo, redução dos juros, igualdade entre homens e mulheres, reforma agrária, trabalho decente, valorização do servidor público, fim do fator previdenciário, regulamentação da terceirização e a instituição de uma política de recuperação das aposentadorias.

A ideia de discutir a “Agenda da classe trabalhadora” no Dia do Trabalho foi apresentada pelo presidente da Força Sindical, Paulo Pereira da Silva, o Paulinho, no ato de comemoração dos 20 anos de fundação da Central realizada em março, no Espaço de Eventos Hakka, na capital paulista.

MANIFESTAÇÕES – “Precisamos deflagrar manifestações nas ruas para exigir nossas reivindicações, especialmente a semana de 40 horas”, afirmou Paulinho ao sugerir ao secretário geral da Força, João



Marco Maia ficou de marcar reunião com as centrais para debater a pauta trabalhista

Fotos: Jaelcio Santana



Juruna defende a realização de manifestações nas ruas e greves para os trabalhadores alcançarem as suas reivindicações

Carlos Gonçalves, o Juruna, e ao secretário de Relações Sindicais, Geraldino dos Santos Silva, que encaminhem este debate na diretoria da Força.

“A central tem de elaborar um calendário de lutas para o segundo semestre com duas ações que hoje são praticamente consenso no movimento sindical: por os trabalhadores nas ruas para deflagrar grandes manifestações de massa e voltar a pressionar o Congresso Nacional para aprovar a semana de 40 horas”, acrescentou Juruna.

Durante o evento, o presidente da Câmara dos Deputados Marco Maia garantiu que vai marcar uma reunião com as centrais sindicais para definir o encaminhamento na Câmara da Proposta de Emenda Constitucional que institui a redução da jornada de trabalho sem redução salarial. “Maia disse que vai nos convidar para um café da manhã na casa dele pra negociar a proposta”, sublinhou Paulinho.

HISTÓRIA DE LUTA – Os 20 anos de fundação da Força Sindical marcam a luta de dirigentes e trabalhadores pela distribuição de renda e pela democratização das relações sociais de forma a permitir que os empregados participem das decisões políticas e econômicas do Brasil. O secretário geral da Central observou que,

no ato de fundação da entidade, decidiu-se por priorizar as negociações entre capital e trabalho para promover o desenvolvimento do Brasil com justiça social.

A fundação da Central ocorreu num momento de profundas crises internacionais

Renovação

Em carta lida pelo ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, Gilberto Carvalho, a presidenta Dilma Rousseff disse que a Força



Kassab: a Força tornou-se referência para o movimento sindical ao renovar as práticas sindicais

a valorização do trabalho

e nacionais. “No nosso país, o processo de desenvolvimento econômico foi baseado na desnacionalização da economia e na concentração de renda, o que produziu a deflagração de grandes greves e manifestações de protestos pela recuperação do poder de compra dos salários, archoados por sucessivas políticas de reajustes dos vencimentos sempre abaixo da inflação”, declarou Paulinho.

Em duas décadas, a Força Sindical se notabilizou, por iniciativa própria ou com as outras centrais, por insistir na organização e mobilização dos trabalhadores por melhores condições de trabalho e de vida. Ocupa posição de destaque a luta do movimento sindical e dos trabalhadores contra o archo e contra as perdas salariais provocadas pelos inúmeros planos econômicos editados pelo governo federal, principalmente em meados dos anos 80.

LUTA CONTRA AS PERDAS – O presidente da Central lembrou as lutas travadas contra as perdas do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e pela Participação nos Lucros ou Resultados — esta última uma proposta apre-



Dirigentes cantam “Parabéns a você” na comemoração dos 20 anos da Força Sindical

sentada ao governo federal pela direção da Central e regulamentada por medida provisória, em 1994. E destacou a mais recente: a unidade das centrais sindicais para manter e ampliar direitos.

Paulinho homenageou Luiz Antônio de

Medeiros “por ter tido a coragem de há 20 anos, junto com Melquíades de Araújo, presidente da Federação dos Trabalhadores na Alimentação do Estado de São Paulo e outros companheiros presentes, de ter fundado a Força Sindical.

do movimento sindical brasileiro

Sindical contribuiu para a formação de uma mesa permanente de negociação capaz de buscar soluções para os desafios que o país enfrenta. A presidenta explicou: “Para que os trabalhadores possam usufruir de efetivas e progressivas melhorias em suas condições de vida e trabalho”.

“O governo federal está aberto ao diálogo com a Força e com as demais centrais para debater as reivindicações dos trabalhadores e promover um pacto pelo trabalho decente no país”, apontou Gilberto Carvalho.

Geraldo Alckmin, governador de São Paulo, observou que valeu a pena para os trabalhadores e para o Brasil o surgimento da Força Sindical. “Destaco a pluralidade e a independência que norteiam o trabalho da central”, afirmou.

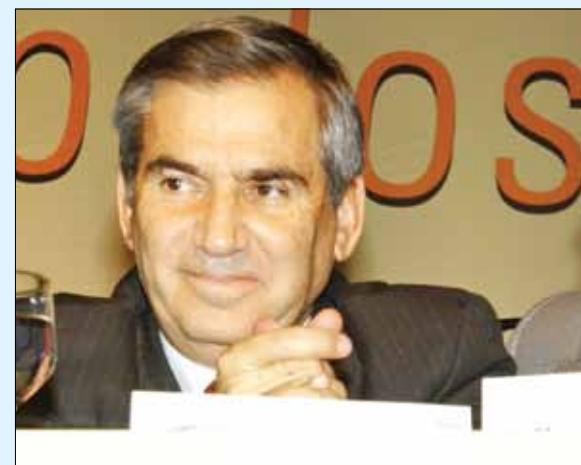
Na visão do prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, a Central renovou o movimento sindical brasileiro e consolidou-se ao integrar traba-

lhadores de diversos setores produtivos. “A Força é uma referência para todo o movimento sindical sério e idealista”, disse.

DEMOCRATIZAÇÃO – O senador Aécio Neves registrou que quando era governador obteve apoio da Força Sindical, de Minas Gerais, nas ações que garantiram um expressivo crescimento econômico no Estado de Minas Gerais. “A Central foi fundada por “companheiros que tiveram anteriormente uma importante participação na luta pela redemocratização do País”.

O prefeito de São Bernardo do Campo (SP), Luiz Marinho, destacou a Força Sindical no processo de unidade das centrais que conquistou a política de valorização do salário mínimo. “Foi fundamental para aquela parcela da população

que precisava de um salário mínimo maior e para o Brasil enfrentar e superar os efeitos da crise econômica global”, explica.



Gilberto Carvalho: “O governo federal está aberto ao diálogo com todas as centrais sindicais”

Homenageados mulheres e homens que

Em 20 anos de história de lutas em defesa dos direitos dos trabalhadores e pela democracia, a Força Sindical tornou-se uma das grandes referências do movimento sindical e popular brasileiro. Deve-se, é claro, ao acerto de sua política de utilizar a negociação como instrumento de pressão em busca do entendimento entre capital e trabalho.

Os resultados satisfatórios obtidos pela Central desde 1991 estão relacionados também aos bons quadros de dirigentes forma-

dos no calor da luta, à militância, aos funcionários, às amigas e aos amigos que sempre colaboraram com a entidade e com os trabalhadores nas batalhas pelo país afora.

Por isso, foram entregues medalhas às companheiras e aos companheiros que se destacaram nesta luta e colaboraram com a ideia de que uma central moderna utiliza a negociação para fechar acordos de interesses dos assalariados.

A Força Sindical, porém, sempre foi intranquiente quando precisou lutar para garantir e

ampliar direitos trabalhistas, assim como na defesa da soberania nacional. Deflagrou ações de massa, como greves, manifestações de protestos, passeatas e marchas à Brasília.

Além de iniciativas corporativistas, a Força Sindical aderiu às políticas públicas, por meio da participação ativa na intermediação de mão de obra e no programa nacional de qualificação do governo federal que, com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), qualificou cerca de um milhão de pessoas de 1997 a 2002.



Paulinho recebe a medalha das mãos de Araújo

Fotos Iugo Koyama



Luiz Medeiros também foi homenageado com a medalha



Motta homenageia o presidente da Câmara, Marco Maia



Elza Costa Pereira é homenageada por Ivo Borges de Freitas



O governador Alckmin exibe a medalha entregue por Araújo



Senador Aécio Neves é homenageado por Paulinho



O prefeito Kassab recebe a medalha de Ramalho



Gilberto Carvalho recebe a medalha de Danilo da Silva



Nair Goulart também foi homenageada por Luiz Barbosa



Wagner Gomes recebe a medalha de Clementino Vieira



Auxiliadora homenageada por Juruna e Helena da Silva

Jaécio Santana



Prefeito Marinho ganha a medalha de Rogério Fernandes



José Ibrahim homenageado por Paulo Ferrari



José Calixto Ramos recebe a medalha de Serginho



Eunice Cabral recebe a medalha de Manoel de Souza

construíram a Central



Mônica Veloso homenageada por José Pereira dos Santos



Neuza ganha a medalha de Maria Rosângela Lopes



Hugo Peres é homenageado por Carlão



Canindé Pegado recebe a medalha de Cláudio Gramm



Valclécia entrega a medalha para Clementino (Dieese)



Rodrigo Alves Carvelo homenageia José Gaspar



Baez, secretário-geral da CSA, ganha a medalha de Neco



Milton Baptista homenageia o presidente da UIL, Angelletti



Geraldino entrega a medalha para Renato Camilo



Ruth Monteiro recebe a homenagem de Leonardo Del Roy



Magri ganha a medalha de Carlos Lacerda



Geraldino homenageia Francisco Souza dos Santos

Entidade nasce democrática, pluralista e apartidária

Fundador e ex-presidente da Força Sindical, Luiz Antônio de Medeiros, destacou as dificuldades enfrentadas pelos sindicalistas que se envolveram na criação da Central, em 1991, pois a iniciativa se configurou como um movimento no sentido contrário à estrutura sindical vigente na época, baseada no sistema confederativo, constituído por sindicatos, federações e confederações.

Segundo o ex-presidente, a Força surgiu democrática, apartidária, pluralista e independente com a orientação política de privilegiar a negociação com o capital antes de se decidir por ações mais radicais, como as greves. "Nascemos independentes de partidos políticos, do governo e da classe patronal", observou Medeiros, ao lembrar a participação de Paulo Lucânia, Luiz Carlos Miranda e Melquíades Araújo, além de José Ibrahim, na luta por uma nova central.

"Se não fosse assim, não teríamos, por exemplo, recuperado as perdas econômicas do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, não teríamos conquistado o reajuste de 147% para os aposentados e garantido a Participação nos Lucros ou Resultados (PLR)", disse ele, durante a solenidade de comemoração dos 20 anos de fundação da Força Sindical realizada recentemente na capital paulista.

Atual secretário-adjunto da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho de São Paulo, Medeiros lembrou a luta da Força Sindical pela regulamentação das centrais sindicais brasileiras. Com relação às atuais bandeiras de lutas, o secretário considerou correta a atitude do atual presidente da Central, Paulo Pereira da Silva, o Paulinho, de defender um reajuste maior para o salário mínimo. "Foi uma reafirmação de que a Força Sindical continua independente de governos e partidos políticos na luta pelos interesses dos trabalhadores", avaliou.



Medeiros destaca a luta por um reajuste maior para o salário mínimo

Central empunha bandeiras históricas dos trabalhadores

“Desde a sua fundação, em 1991, a Força Sindical pautou sua atuação na defesa intransigente das bandeiras de lutas empunhadas há décadas pelo movimento sindical brasileiro.

Partidária da unidade na ação, a Central utilizou o processo de negociação e as greves para conquistar a reposição aos salários das perdas provocadas pela inflação, aumento real, melhores condições de saúde

e trabalho, redução da jornada de trabalho, sem o corte nos salários, e luta sistemática contra a regressão dos direitos trabalhistas.

Outras questões fizeram parte da pauta da Força, como salário mínimo digno, recomposição do poder de compra dos aposentados, regulamentação da terceirização, trabalho decente para todos, redução da taxa de juros, qualificação profissional e igualdade de oportunidades.

Junto às lutas específicas, dirigentes que fundaram a Central ou a própria entidade tiveram papel de destaque nas lutas pela consolidação do processo democrático no Brasil e pela participação dos trabalhadores no processo político, econômico e social do país.

A seguir, o testemunho de dirigentes sobre os 20 anos de lutas:



Fotos: Iugo Koyama

Manuel de Souza

pres. da Força Sindical-MT

“Nesses vinte anos, comemoramos a evolução do movimento sindical e as conquistas em prol dos trabalhadores, compartilhando a unidade com outras centrais para fortalecer as lutas da classe trabalhadora.”



Braz Albertini

pres. da FETAESP

“Para os trabalhadores, a Central tem um destaque muito grande dentro do movimento sindical. Hoje não se discute nenhum tema de relevância da sociedade sem a participação da Força.”



Carlos de Rezende Jr.

pres. do Sindicato dos Metalúrgicos de Catalão

“A Força Sindical foi o divisor de águas do movimento sindical. Uma central plural, democrática e partidária, o que torna mais fácil organizar os vários segmentos econômicos no Brasil.”



Antonio Silvan Oliveira

pres. da Conf. Nacional dos Trab. Químicos

“Desde a sua fundação, a Força Sindical deixou claro que seria uma central eclética, pois reuniu praticamente todas as categorias profissionais não só do setor privado, mas também do setor público.”



Moacyr F. dos Santos

pres. do Sindicato dos Trab. em Transp. de Carga e Logística de São Paulo

“Em seus vinte anos de existência, a Força Sindical se firmou como uma das mais importantes centrais brasileiras. Uma entidade democrática, plural e aberta em defesa dos trabalhadora.”



Aparecido Inácio da Silva, Cidão

pres. do Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano do Sul

“Foram vinte anos de lutas e conquistas para a classe trabalhadora. Que a central continue com a mesma maturidade, responsabilidade e protagonismo sobre todos os aspectos.”

Humberto Pastore

João Batista Inocentini

pres. do Sind. Nac. dos Aposentados e Pensionistas da Força Sindical



Arquivo Força Sindical

“A Força Sindical tem sido muito importante para os aposentados desde sua fundação, pois foi ela que criou o Sindicato Nacional dos Aposentados e está a frente da defesa das principais bandeiras de luta da categoria.”

Laercio Barbieri

pres. do Sindicato do Metalúrgicos de Leme - SP



“É um orgulho para o nosso sindicato fazer parte de uma central tão bem organizada com é a Força Sindical. O crescimento da Força evidencia o crescimento dos trabalhadores no Brasil.”

Luiz Carlos Anastácio, Paçoca

presidente do Sindicato da Alimentação de Barretos



Fotos Iugo Koyama

“A Força Sindical completa 20 anos de conquistas. Eu tenho orgulho do nosso sindicato ser filiado a esta central que tem lideranças que sempre buscam de verdade lutar pelos direitos dos trabalhadores brasileiros.”

Jefferson Tiego

Secretario Nacional da Juventude da Força Sindical



Daiana Rodrigues

“Nos 20 anos de sua existência, entramos nas mais diversas lutas em prol dos trabalhadores. Esta juventude é o vigor que o Brasil necessita para mudar para melhor o rumo da classe trabalhadora.”

Vanderlei dos Santos

secr. de Dir. Humanos Força Sindical/SP e tesoureiro do Sind. dos Frentistas SP



“Fizemos parte da fundação da Força Sindical quando nosso sindicato tinha apenas um ano de idade e sabemos qual é a luta desta importante central em defesa dos direitos dos trabalhadores.”

Maria Rosângela Lopes

pres. do Sind. dos Metalúrgicos de Sta. Rita do Sapucaí-MG



“Os vinte anos da Força Sindical é um sonho realizado. Ela nasceu no momento certo para lutar pelos direitos dos trabalhadores. É uma entidade sindical que dá liberdade para seus afiliados e prega a unicidade sindical.”

Ana Maria Silva Carneiro

secretária-geral da Força Sindical-CE



“A Força Sindical sempre esteve à frente da luta pelos interesses dos trabalhadores. Uma central com uma participação de destaque em prol dos interesses de todos os trabalhadores brasileiros.”

Marcos Milanez Rodrigues

Secretário-geral do Sintetel



A força sindical nasceu há 20 anos para ocupar um espaço importante no movimento popular do país e hoje defende os interesses de milhões de trabalhadores que lutam por melhores condições de trabalho e de vida.

Rafael Freire

secretário de Políticas Econômicas e Desenvolvimento Sustentável da CSA



“A criação da Força Sindical foi importante para a democratização do movimento sindical brasileiro, no qual há espaço para expressões sindicais, como a filiação da central a CSA e a CSI.”

Centrais sindicais negociam nor



Bebeto: "Os trabalhadores reivindicam a garantia dos direitos trabalhistas e especialmente um salário nacional"

As contratações de trabalhadores para as obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) serão feitas pelo Sistema Nacional de Emprego (SINE), eliminando o "gato" – intermediário que recruta pessoal e leva para ser admitido pelas empreiteiras. A decisão foi tomada durante reunião da comissão tripartite formada pelos representantes das centrais sindicais, construtoras e o ministro Gilberto Carvalho, da Secretaria Geral da Presidência da República, para definir normas básicas que garantam condições de trabalho decente para os operários.

O chamado "gato" funciona como um intermediador entre o trabalhador e a empresa. Em algumas obras, o operário paga a ele a despesa de viagem – a maioria é recrutada em outras cidades e estados – e parte de seu primeiro salário.

Segundo Miguel Torres, vice-presidente da Força Sindical, que participou da reunião, atualmente o Sine tem disponibilidade de vagas on-line em 12 estados, mas o governo prometeu ampliar para os demais estados. Outra providência acertada



Vilmar: "Queremos evitar a intensificação dos conflitos"

na comissão tripartite foi a de ampliar a fiscalização do Ministério do Trabalho e do Ministério Público nos canteiros de obras.

CONFLITOS – O PAC foi apresentado pelo governo como projeto grandioso para alavancar o crescimento do País, mas as condições de trabalho foram ignoradas pelas cons-

trutoras e pelo próprio governo. Os resultados foram intensos conflitos no País – Jirau e Santo Antonio (RO), Pecém (CE), Suape (PE), São Domingos (MS), Porto do Açu (RJ), Terminal Aquaviário (ES) e na Plataforma da Petrobras, em São Roque do Paraguaçu (BA) atingindo cerca de 100 mil trabalhadores.

Idelmar Lima denuncia tortura de trabalhadores da Usina São Domingos (MS)

Os operários reclamavam direitos básicos como pagamento correto de horas extras e alojamentos em boas condições. De acordo com os depoimentos dos trabalhadores, os esgotos estavam entupidos e os preços de produtos vendidos nos alojamentos eram exorbitantes.

A Força Sindical levou para o Palácio do Planalto uma denúncia de maus tratos. Nas obras da usina hidroelétrica São Domingos, em Água Clara (MS), cinco trabalhadores foram presos por causa da destruição dos alojamentos e depois espancados e torturados com choque elétrico, disse Idelmar da Mota, presidente da Central-MS. "Levamos esta denúncia ao Ministério Público", lembra Miguel Torres.

TRABALHADORES APANHAM – "Foram os primeiros que, se sabe oficialmente, apanharam nas obras do PAC. Se não fizemos pressão, os trabalhadores serão tratados como escravos", declara Paulo Pereira da Silva, o Paulinho, presidente da Força Sindical. Segundo o jornal o Globo, o governo investiga seis mortes em Jirau e Santo Antonio.

Os conflitos começaram em janeiro em obras localizadas nas bases da Força Sindical. Na Termelétrica de Pecém (CE), a greve durou 12 dias; na Refinaria Abreu Lima e Petroquímica Suape, 34 dias; na Hidrelétrica São Domingos, 7 dias e, na Plataforma de São Roque do Paraguaçu a paralisação durou 15 dias. Nestes quatro empreendimentos foram feitos acordos e os trabalhadores decidiram pela volta ao trabalho.

No entanto, "os acordos não garantem o término dos conflitos", afirmou Vilmar



mas trabalhistas para obras do PAC



Miguel Torres participa da assembleia dos trabalhadores em greve na Refinaria Abreu e Lima em Suape

Santos, presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores na Indústria da Construção Pesada, ligada à Força Sindical. “Os conflitos sempre vão existir. O que buscamos é evitar que eles se intensifiquem. Reivindicamos normas nacionais, especialmente um salário nacional”, completa Adalberto Galvão, o Bebeto, secretário-geral da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria da Construção Pesada e presidente do Sintepav-BA.

MOBILIZAÇÃO CONTINUA – Santos e Bebeto informaram que a mobilização dos trabalhadores da construção pesada - hoje são 1,4 milhão no Brasil – vai continuar nos próximos meses, em função das datas-bases fixadas a partir de março. “Até agora negociamos questões pontuais, como horas extras e melhores condições de trabalho. Na convenção coletiva estará em discussão reajustes salariais, saúde e segurança no trabalho, assistência médica,

hora extra unificada, valor nacional para cesta básica e limitação de horário de trabalho. Dos 27 sindicatos estaduais, 90% são associados da Força Sindical.

Ao comentar a intensa mobilização dos trabalhadores nas obras, Bebeto aponta, por exemplo, que a atual conjuntura – de expansão do PIB (Produto Interno Bruto) - é oportuna para fazer reivindicações. No caso atual, ao contrário do que alguns setores avaliam, os obras contam sim com trabalhadores altamente qualificados e preparados para fazer reivindicações.

“São aqueles que nas décadas anteriores foram demitidos das indústrias metalúrgicas, petrolíferas e de outros ramos de atividade. Até agora, trabalharam em negócios próprios ou estavam desempregados. Formavam uma mão de obra

ociosa, com qualidade técnica e com experiência para fazer reivindicações. Outros são experimentados, trabalham em obras no Brasil inteiro”, explica Bebeto.

São eles que perceberam diferenças salariais em obras tocadas nos estados. “A Petrobras”, afirma Bebeto, “quando faz licitação coloca preço fixo em todos insumos, mas o da mão de obra é diferente nos Estados. O trabalhador vê isto e não aceita”, declara.

Propostas incluem equiparação salarial e o fim dos “gatos”

Na comissão tripartite formada pelas centrais sindicais, empreiteiras e governo federal, a Força Sindical defendeu regras para apaziguar os trabalhadores nos canteiros. Algumas são básicas e, outras, mais específicas para os operários das obras do PAC. Uma delas, a contratação de operários pelo Sine para evitar a ação dos “gatos” já foi definida.

Algumas das regras são: os salários devem ser iguais para trabalhos iguais e equiparados, independentemente das empresas contratantes (construtora, consorciados, terceirizados). Padronizar os

percentuais relativos à remuneração que acompanha os salários, tais como, horas extras, adicional noturno, adicional periculosidade, adicional de insalubridade, adicional de exercício de cargo de chefia etc.

Arquivo Força Sindical



Partes se reúnem no Ministério Público do Trabalho

A Força Sindical reivindica ainda respeito e capacitação dos trabalhadores para as normas de saúde e segurança no trabalho, obrigatoriedade de eleição das CIPAs; fornecimento de EPIs; organização sindical no local de trabalho, organização de ouvidorias por parte das empresas para negociação permanente das condições de trabalho e organização de comissões permanentes de fiscalização, para realização de inspeção

trimestral nos locais de trabalho pelos sindicatos e Ministérios Público e do Trabalho.

As origens e o papel do Mercosul em seus 20 anos

por: **Carolina Maria Ruy***

A criação do Mercado Comum do Sul (Mercosul – união aduaneira entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai), em 1991, demonstrou que, depois de quinhentos anos de subdesenvolvimento, a América do Sul atingira certo grau de maturidade política. Entretanto, a situação econômica de seus países naquele ano ainda era de grave dependência.

A dificuldade de se articular e o subdesenvolvimento sul-americanos no início da década de 1990 remontam ao modelo de colonização luso-espanhola, baseado na exploração de recursos naturais, e ao processo de independência das colônias, já no século 19, marcado por conflitos e grandes contrastes econômicos e sociais.

Desta forma a América do Sul entra no século 20 padecendo de crônico atraso econômico e político. Mesmo que tenha havido tentativas de firmar parcerias entre as nações sul-americanas a partir da 2ª Guerra Mundial (1939 – 1945), elas não prosperaram devido, sobretudo, à subordinação às grandes potências mundiais. No pós-guerra e início da Guerra Fria, em 1945, a ascensão do neoliberalismo tornou as alianças internacionais um requisito para o bom desempenho na economia global. Entretanto, a América Latina ainda patinava em suas dificuldades. Com radicalização política promovida pela ordem bipolar – capitalismo versus socialismo – golpes militares, apoiados pelos EUA, disseminaram-se pela América do Sul, e a integração tornou-se uma distante utopia. Para nos fixar aos países que mais tarde formariam o Mercosul,

EM VISITA A BUENOS AIRES, JANEIRO DE 2011, A PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF FALOU COM EMOÇÃO DA PARCERIA ECONÔMICA E CULTURAL ENTRE BRASIL E ARGENTINA E PROMETEU BUSCAR APROFUNDAR AS RELAÇÕES ENTRE OS PAÍSES. FOI UM SINAL DE FORTALECIMENTO DO MERCOSUL, QUE COMPLETOU 20 ANOS, EM MARÇO DE 2011, EM FASE DE CONSOLIDAÇÃO.

temos que ressaltar que viveram repressoras ditaduras: o Brasil entre 1964 e 1985, a Argentina entre 1966 e 1973, o Paraguai 1954 e 1989 e o Uruguai 1973 e 1985.

Foi um contexto de aumento da dependência econômica e política. E que, por outro lado, fomentou a criação de grupos – trabalhadores, estudantes civis – para resistir e enfrentar o regime.

Com a resistência e o esgotamento do radicalismo político-ideológico, a partir de meados da década de 1980, ventos sopraram para uma nova configuração mundial.

Em 1985, já no período de redemocratização, Brasil e Argentina construíam, enfim, sua parceria. Com a necessidade de reorientar suas nações, em dezembro daquele ano, o presidente brasileiro José Sarney e o presidente argentino, Raúl Alfonsín, assinaram a Declaração de Iguazu, em Foz do Iguazu, Paraná.

Mais do que objetivos econômicos, a Declaração visava promover a integração política do Cone Sul. Alfonsín e Sarney ambicionavam criar laços de confiança entre os países, buscando estabilidade

para a estruturação de suas democracias. A parceria evoluiu para o Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento, em 1988, e, posteriormente, para o Tratado de Assunção, assinado em 26 de março de 1991, pelos presidentes do Brasil e da Argentina, Fernando Collor e Carlos Menem. Mais tarde Paraguai e Uruguai também aderiram ao Tratado. O objetivo era estabelecer um mercado comum entre os países envolvidos. Desta forma o Tratado ficou conhecido como Mercado Comum do Sul. Estava criado o Mercosul.

Aquele foi um período marcado pela explosão da globalização, que levou a grandes mudanças no mundo do trabalho: reestruturação produtiva, precarização, desemprego estrutural, rupturas sindicais, ofensiva das multinacionais etc. Foi também um período de consolidação da “sociedade civil” organizada e participativa em nível global, tendo na criação de mecanismos como o Fórum Social Mundial (2000), suas maiores expressões.

Desde sua formação o Mercosul foi objeto de interesse do mundo sindical. Pois era um eficiente meio de debater internacionalmente questões relacionadas aos direitos dos trabalhadores no âmbito da livre circulação da mão-de-obra. As Centrais Sindicais dos países-membro fortaleceram sua atuação no Mercosul por meio da Coordenadora de Centrais Sindicais do Cone Sul (CCSCS), enfatizando as questões dos trabalhadores no Bloco.

Hoje, pode-se dizer que, mesmo que suas relações econômicas tenham sido abaladas por sucessivas crises financeiras internacionais, o peso geopolítico do Mercosul fortaleceu a América do Sul no cenário global. Vinte anos após a assinatura do Tratado de Assunção, verificamos que o balanço é positivo e que há motivo para a Presidente Dilma se orgulhar e se emocionar.

*Carolina Maria Ruy é jornalista, coordenadora de projetos do Centro de Cultura e Memória Sindical